

REPENSAR A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO ESPAÇO PÚBLICO. BUSH EM MASSADA, OU COMO SE DISCUTE O EVENTO NO CIBERESPAÇOⁱ

Ruth Amossyⁱⁱ

Resumo: Baseado num estudo de caso, a visita do Presidente George W. Bush a Massada e ao Knesset por ocasião do sexagésimo aniversário do Estado de Israel, o presente artigo explora a construção do espaço público, divergindo do critério clássico da deliberação racional com vista ao consenso. A análise discursiva e argumentativa das analogias feitas do mito de Massada na informação e no debate on-line mostra como é construída a discussão pública em torno das notícias e, além disso, que tipo de comunicação é avançada. O modo epidíctico, baseado na efetiva comunhão, é atacado e suplantado por um modo polêmico no qual os conflitos que dilaceram a sociedade israelita são expressos. Por conseguinte, o espaço público, nos regimes democráticos, pode ser revisitado e redefinido em torno da noção de conflito e da sua gestão polêmica.

Palavras-chave: Espaço Público. Internet. Notícias. Discurso Polêmico.

Abstract: Based on a case study, President George W. Bush's visit to Massada and the Knesset at the occasion of the 60th anniversary of the State of Israel, this paper explores the construction of a public space diverging from the classical criteria of rational deliberation aiming at consensus. The discursive and argumentative analysis of the analogies drawn upon the Massada myth in the online information and debate shows how public discussion around the news is built and, moreover, what type of communication is put forward. The epideictic mode based on affective communion is attacked and superseded by a polemical mode in which the conflicts tearing apart the Israeli society are voiced. Thus public space in democratic regimes can be revisited and redefined around the notion of conflict and its polemical management.

Keywords: Public Space. Internet. News. Polemical Discourse.

i Este trabalho faz parte de uma pesquisa global sobre o discurso polêmico na esfera democrática efetuada no quadro da Fundação Israelita das Ciências (ISF, projeto 734/08).

Referência da publicação original:

AMOSSY, Ruth. Repenser la construction discursive de l'espace public. Bush à Massada, ou comment on discute l'événement dans le cyberspace. In. Bulletin suisse de linguistique appliquée, n. 98, p. 19-37, Université de Neuchâtel, 2013.

ii Professora Emérita da Universidade de Tel Aviv, Israel. Coordenadora do grupo de pesquisa ADARR – Analyse du Discours, Argumentation et Rhétorique.

Introdução: a construção midiática do espaço público

Num texto intitulado O espaço público: um conceito-chave da democracia, procurando introduzir um conjunto de reflexões sobre O Espaço Público (2008), Eric Dacheux lembra pertinentemente as confusões criadas pelos usos múltiplos, correntes e acadêmicos, da expressão. Denomina-se, dessa forma, “o conjunto dos espaços não domésticos, os lugares físicos onde se reúne um público, os espaços midiáticos onde se desenvolve o debate político, as instâncias democráticas submetidas ao princípio da publicidade etc.” (DACHEUX, 2008, p. 8). É no sentido de “os espaços midiáticos onde se desenvolve o debate político” que nós aqui a tomaremos, centrando o nosso estudo na construção discursiva de um espaço de discussão na Net.

Não podemos, contudo, abordar este tema sem deixar de fazer uma referência à noção originalmente avançada por Jürgen Habermas¹. Ela designa um domínio da vida social na qual se forma a opinião pública, igualmente aberto a todos os cidadãos e do qual os jornais, as revistas, o rádio e a televisão são as mídias do nosso tempo. Falar-se-á, acrescenta Habermas, de “esfera pública política em oposição, por exemplo, à literária, quando a discussão política incide sobre objetos relacionados com a atividade do Estado” (HABERMAS, 1974 [1964], p. 50). O essencial é que o espaço público é o da deliberação fundada na busca racional de um acordo sobre os assuntos da cidade com vista ao bem público. Por esse fato, ele constitui uma instância crítica que assegura uma mediação entre a sociedade e o Estado e afigura-se como indispensável para a democracia. Retomando o pensamento de Habermas, mas tendo igualmente em conta os trabalhos de Hannah Arendt e Richard Sennett, Dacheux define sinteticamente o espaço público como lugar de legitimação do político – o espaço onde os cidadãos têm acesso à informação, podendo debater e forjar uma opinião (tal como escolher as pessoas políticas), tornando-se eles próprios atores; o fundamento da comunidade política – o espaço simbólico que liga entre si os indivíduos pertencentes a comunidades diferentes; e, finalmente, uma “cena” de aparecimento do político em que “os problemas públicos se tornam visíveis e sensíveis” (DACHEUX, 2008, p. 20). Esse “espaço potencial, aberto a todos os

1 Notaremos de passagem que a tradução inglesa do alemão «Öffentlichkeit» é “public sphere”, esfera pública e não espaço público. Podemos interrogar-nos sobre a diferença entre essas duas noções, ambas fundadas numa metáfora espacial. Assim, Papacharissi (2001, p. 11) considera que “as public space, the internet provides yet another forum for political deliberation. As public sphere, internet could facilitate discussion that promotes a democratic exchange of ideas and opinions”. Não teremos, contudo, aqui, a possibilidade de nos envolvermos nesta questão.

atores [...] é o lugar onde se formulam visões antagonistas do interesse geral que não é, por conseguinte, o apanágio exclusivo do poder” (Ibidem).

Desde há muitos anos prossegue um debate teórico, abundantemente alimentado, sobre a questão do funcionamento e das funções do espaço público na era da comunicação de massa (supostamente marcante de uma degradação do espaço público) e da participação cidadã na internet². Em particular, numerosos investigadores - já que o próprio Habermas tinha falhado no tratamento dado à internet (como RHEINGOLD, 2007, que, desde 1994, tinha comparado a internet à esfera pública habermasiana) -, interrogaram-se sobre o modo como a Net se integrava à concepção de espaço público, até mesmo permitindo repensá-la (GIMMLER, 2001; PAPACHARISSI, 2002; CHAPUT, 2006, são exemplos interessantes numa bibliografia já impressionante). Mais do que nos situarmos na linha das discussões teóricas abundantes, tentaremos aqui, mais modestamente, procedermos a uma investigação no próprio terreno do embate.

A escolha de um caso particular, o da visita do Presidente George W. Bush a Massada e a referência a Massada em seu discurso no Knesset por ocasião da celebração do sexagésimo aniversário do Estado de Israel em 2008, deverá permitir não só aprofundar mas também deslocar um pouco a interrogação. Trata-se, com efeito, de ver como é que o discurso global das mídias on-line (1) constrói um espaço de discussão à volta de um acontecimento político, e (2) que tipo de debate é implementado pelo tratamento do acontecimento on-line pelos jornalistas e pelos cidadãos. Para fazer isso, examinar-se-á a exploração do mito de Massada, tornado hoje uma fonte de analogias cujos usos diversos e frequentemente antagonistas autorizam um debate altamente polêmico sobre a política israelita. O manuseio da analogia - e sua passagem do epidíctico ao deliberativo - será estudado nas suas numerosas manifestações midiáticas por meio de uma análise argumentativa e discursiva detalhada. Ele será igualmente examinado sob o prisma de uma reflexão global sobre o discurso polêmico como retórica do dissensus, que se situa no quadro da minha teoria da argumentação no discurso (AMOSSY, 2014).

A escolha de um episódio particular responde ao cuidado de levar em consideração aquilo que Dominique Wolton chama a “tirania do acontecimento” no “imperialismo das News, do instante e do direto”

2 Para um bom panorama crítico em francês, ver Flichy (2008) e Greffet & Wojcik (2008).

(WOLTON, 2008, p. 35). Se a simplificação dos problemas complexos da sociedade (Ibidem) é flagrante, é também verdade que, no conjunto das mídias, o acontecimento suscita discursos que o ultrapassam amplamente e relançam as grandes questões da sociedade. Esses debates, por vezes muito vivos, apresentam, contudo, uma configuração particular. Com efeito, eles não se desenvolvem em torno de uma questão unificada susceptível de respostas opostas submetidas à deliberação. Apesar de gravitarem em torno de problemas que requerem uma resolução, eles não visam, contudo, a uma tomada de decisão. Eles apresentam, antes, uma série de núcleos temáticos centrados em temas diversos que desencadeiam comentários variados e frequentemente antagônicos. Esse descentramento, essa fragmentação e aparente dispersão que podem dar a impressão de um debate errático permitem, na realidade, ver quais são os diversos temas políticos atualmente preocupantes; mostram como eles ressurgem graças a um acontecimento pontual e como são gerados no discurso público. O seu exame permite também encontrar a forma como esses fios se cruzam e se sobrepõem, oferecendo um estado dos lugares do debate público da época. Descobre-se, assim, na realidade de um corpus concreto, uma configuração peculiar do espaço público (no sentido em que ela não responde aos modelos inventariados).

O segundo deslocamento diz respeito ao monopólio atribuído, na constituição do espaço público, aos debates entre iguais, fundados num modo de argumentação racional com vista a um acordo sobre o bem comum. Na medida em que certos tipos de comunicação, como os debates on-line, parecem derrogar essa regra, certos pesquisadores, como Mark Poster (1995), estimam que eles não constroem um espaço público em sentido forte (na acepção habermasiana) da noção. A partir do corpus escolhido, gostaria, pelo contrário, de mostrar que a consideração do funcionamento das mídias no regime democrático convida a quebrar o monopólio da deliberação racional e a reconhecer o papel constitutivo de outros tipos de trocas verbais. Com efeito, os discursos que se desenvolvem em torno de um acontecimento como a vinda de Bush e da sua relação com Massada não conferem senão um espaço reduzido ao debate racionalmente organizado. Eles privilegiam, desse modo, outras modalidades de trocas: o discurso epidíctico da comunhão afetiva e, sobretudo, o discurso agônico da polêmica pública. Tal como os debates raciocinados em busca de consenso, esses dois modos são

constitutivos do espaço público contemporâneo que garantem a democracia³. Nessa perspectiva, tentaremos mostrar, a partir de referências a um mito fundador do Estado de Israel, Massada, como coexistem de forma conflitual, mas complementar, um discurso produtor de consensus e uma retórica do dissensus.

1. Corpus e situação de discurso

O acontecimento que aqui selecionamos é, portanto, a visita oficial de George W. Bush a Massada, no dia 15 de maio de 2008, em honra ao sexagésimo aniversário da fundação do Estado de Israel, e a menção a Massada no discurso que o Presidente americano pronunciou, no mesmo dia, no Knesset. Trata-se de uma visita guiada à montanha rochosa de Massada, no deserto da Judeia, perto do Mar Morto, lugar turístico muito prezado que simboliza a resistência heroica de um grupo de judeus contra a poderosíssima armada romana; cercados, preferiram, em 73 d.C., o suicídio coletivo à desonra e à escravatura. O lugar da visita, aparentemente sugerido pela Ministra dos Negócios Estrangeiros. Tippi Levine, tinha sido selecionado, em detrimento de locais mais sensíveis, a pedido da Casa Branca, que desejava uma visita prestigiosa a local dotado de significação simbólica importante para o Estado de Israel, mas que não fosse politicamente controverso, como o Muro das Lamentações em Jerusalém ou como o Túmulo dos Patriarcas em Hebrom (nos territórios ocupados por Israel desde 1967) – segundo a reportagem do jornal diário *Haaretz* (10.4.2008, Barak David). Com duração de uma hora e meia, a visita guiada do casal presidencial, acompanhado pelo Primeiro Ministro da época, Ehud Olmert, e por sua esposa, foi qualificada por Bush como uma “experiência muito comovente”. O presidente americano não deixou de fazer uma referência a essa visita por ocasião do discurso que pronunciou, no mesmo dia, no parlamento israelita, o Knesset, quando então retomou a fórmula retirada de um poema hebraico de Lamdan, de 1927, ritualmente pronunciada no decurso da cerimônia em que recrutas israelitas prestam juramento no topo da fortaleza: “Massada nunca mais cairá”⁴.

3 O uso da expressão debate raciocinado não deve em nenhum caso fazer pensar que o debate agônico se situa fora do reino da razão: a análise argumentativa do uso das analogias demonstra amplamente que a polémica não se situa fora do império da razão e que razão e paixão estão estreitamente imbricadas uma na outra. Esta questão, que não pode ser desenvolvida aqui, é objeto de um capítulo da minha obra sobre a polémica, a ser publicada.

4 Todas as traduções do hebraico são da autora.

Massada, é importante recordar, remete a um mito forjado pelo sionismo a partir de um episódio relatado por Flávio Josefo, na *Guerra dos Judeus*, mito que se impôs massivamente entre os anos 1920 e 1970. Enquanto tal, ele contribuiu largamente para modelar a identidade israelita sobre um ideal de conduta radicalmente oposta àquilo que se considerava como a passividade dos Judeus da Diáspora, vítimas de massacres depois da Shoah. Elaborado a partir da reescrita da história de Flávio Josefo, o mito baseia-se num episódio de bravura fora do comum: quase um milhar de judeus, mulheres e crianças incluídas, reagrupadas após a queda de Jerusalém e da destruição do segundo templo na praça fortificada de Massada, no coração do deserto da Judeia, suportaram corajosamente um longo e terrível cerco contra a formidável armada romana e preferiram, em último recurso, a morte à desonra e à escravatura, optando pelo suicídio coletivo. Massada “representou assim um acontecimento altamente simbólico que exprimia a essência do autêntico espírito nacional e permitia [‘aos novos Hebreus’] definir a sua missão histórica como continuadores diretos dos Antigos Hebreus”: era uma lição de patriotismo (ZERUBAVEL, 1994, p. 74⁵).

Durante os anos que se seguiram à guerra de Kippur (1973), Massada sofreu uma desmitificação progressiva fundada numa revisão das fontes textuais e arqueológicas e numa dura crítica ideológica. A obra acadêmica de Nachman Ben-Yehuda (1995) mostra bem as modificações que a narrativa sionista infligiu ao texto original, para conformá-lo às necessidades do momento, e a forma como a história foi pouco a pouco relida e reinterpretada a serviço de concepções mutantes da nação. Flávio Josefo falava, com efeito, de um grupo de extremistas, dirigido por Eleazar Ben Yair, chamado Sicários (de sica, a adaga que eles traziam consigo), que usava a violência contra os judeus considerados muito moderados para o seu gosto (ou contra aqueles que, como em Ein Gedi, queria roubar), refugiado na fortaleza de Massada depois de ter sido expulso pelos judeus de Jerusalém antes da destruição do segundo templo, hostil a qualquer compromisso: não se afigura que o grupo tenha combatido (as escavações não revelaram nenhum vestígio), mas é claro que assim que a sua condição de sitiado se revelou fatal, escolheu-se a morte mútua para não deixar aos romanos senão os seus despojos. As rupturas, silêncios e os acréscimos de que a história original foi objeto eram obviamente necessários para transformá-la em modelo de renovação judia e em

5 Consulte-se também Zerabavel,1995.

paradigma de identidade israelita. Numerosas críticas evidenciaram, pouco a pouco, os elementos recalcados no mito sionista, deslocando (entre outras) a tônica para o elemento do suicídio e sublinhando o aspecto catastrófico de um desfecho ditado pela política errônea de um grupo de fanáticos. A isso se juntou, na linguagem corrente e na acadêmica, a noção de “complexo” ou “síndrome de Massada” (BAR-TAL, 1983): ela designa o sentimento de um grupo que se sente perpetuamente sitiado e ameaçado de extermínio, como os sitiados de Massada – uma atitude neurótica conducente a comportamentos suicidas.

Na sua relação com a visita do Presidente americano, numerosos jornais, de todos os quadrantes, intitularam unanimemente⁶: “Bush no Knesset: Massada nunca mais cairá” (*Haaretz*, diário de esquerda); “Bush no Knesset: Massada nunca mais cairá, estamos convosco” (*Ynet*, site do diário muito popular *Yediot Aharonot*, *As últimas notícias*); “Bush: Massada nunca mais cairá” (*News1*⁷); “Bush: Massada nunca mais cairá. A América estará sempre ao vosso lado” (*Nana10*⁸); “Bush em Israel: Massada nunca mais cairá” (*Galei Tsahal*, o canal do exército *Tsahal*). Apenas o jornal *Maariv* (*nrg* na net) renunciou a essa fórmula, dizendo “O discurso de Bush no Knesset: o mundo deve impedir o Irã de ter a bomba atômica”. A substância dos artigos confere também a Massada um valor preponderante. O *Haaretz*, por exemplo, qualifica a declaração de Bush sobre Massada como a mensagem central do discurso no Knesset que coroou a visita do presidente, em 16 de maio de 2008.

O destaque dado à referência a um dos mitos fundadores do Estado de Israel tornou-se o centro de uma polêmica, focalizada menos sobre a própria Massada do que sobre a sua interpretação enquanto *exemplum* dotado de um valor de atualidade. Nesse contexto, um breve resumo da situação de discurso impõe-se no início da análise.

Estamos no ano de 2008 e se, em 8 de maio, o Estado de Israel se prepara para festejar solenemente o sexagésimo aniversário da sua declaração de independência, a situação em termos de segurança está longe

6 Todas as citações originalmente em hebraico (e, por vezes, em inglês) foram traduzidas pela autora.

7 *News1* define-se como um site de informação e de investigação profissional, fiável e independente. Foi lançado pelo jornalista Yoav Itzhak, que pretendia uma alternativa centrada às mídias consideradas excessivamente esquerdistas. O site denuncia mais particularmente os assuntos de corrupção e considera-se como um lugar crítico das mídias.

8 *Nana10* é um portal de internet que pertence à *Netvision* e a uma grande rede de televisão – a 10, que difunde informações e programas de entretenimento.

de ser satisfatória. Fim de fevereiro, a fronteira com Gaza tornou-se inflamada, pois, em consequência de uma operação militar de Israel que matou cinco ativistas do Hamas, este replicou lançando 30 foguetes, em particular sobre as cidades de Ascalão e de Sderot, suscitando uma operação de grande envergadura do Tsahal, que durou vários dias. Nos meses que se seguiram, os atentados mortíferos sucederam-se. Em 14 de maio, véspera do discurso de Bush no Knesset, um foguete “katyousha” foi lançado sobre Ascalão, atingindo uma clínica situada num centro comercial e fazendo vários feridos, três dos quais ficaram em estado grave (atentado reivindicado pela Frente Popular de Libertação da Palestina). No seu discurso de abertura no Knesset, por ocasião da visita do presidente Bush, a presidente do Parlamento israelita, Dahlia Ytsik, mencionou esse atentado. Relembremos que os arremessos frequentes de foguetes sobre o sul do país, provenientes da faixa de Gaza, durante todo esse ano de 2008, darão lugar, de 27 de dezembro de 2008 a 18 de janeiro de 2009, à chamada operação “Chumbo Fundido” da Tsahal.

No plano político, Ehud Olmert tornou-se líder do partido Kadima após o acidente vascular cerebral que colocou Ariel Sharon em coma no dia 4 de janeiro de 2006, e tornou-se Primeiro Ministro assim que o seu partido conquistou a maioria nas eleições de 2006 (contra o Likud, dirigido por Netanyahu). Em 2008, Olmert, que fala em fazer a paz com os Palestínianos na base de dois Estados para dois povos, é acusado de corrupção por um homem de negócios, Moshe Talansky e, em 12 de maio de 2008, é efetuada uma busca policial à Câmara Municipal de Jerusalém, onde Olmert exerceu funções durante anos, para apreender documentos relativos a eventuais subornos. Em setembro de 2008, Tsipi Livine, a Ministra dos Negócios Estrangeiros, será eleita líder do partido Kadima e, em 21 de setembro, Olmert se vê obrigado a demitir-se das suas funções. Assim, no mês de maio, quando Ehud Olmert declara perante Bush que o Knesset votará majoritariamente a favor da criação de um Estado Palestínico ao lado do Estado Hebraico, a sua autoridade encontra-se fortemente debilitada pela situação securitária catastrófica do país, pelas suspeitas que o envolvem e pelas previsões de que em breve se viria forçado a renunciar. Este é, portanto, o contexto imediato na qual acontece a visita do Presidente americano George W. Bush, contexto que é necessário para a compreensão dos discursos que circularam nessa ocasião.

2. A informação midiática e o discurso epidíctico da comunhão

O espaço do debate em torno das referências a Massada está, logo de início, aberto pela informação divulgada pelas mídias – no caso, os grandes diários difundidos *on-line* e os *sites* das grandes redes. Eles relatam detalhadamente a visita do casal presidencial ao local arqueológico e fornecem largas citações do discurso de George W. Bush, voltando os projetores para a citação relativa a Massada. Ao fazerem-no, eles cumprem uma das condições *sine qua non* da construção do espaço público – a circulação da informação, que fornece ao conjunto dos cidadãos os fatos e discursos marcantes do dia. Num primeiro momento, essa informação em nada se parece prestar à discussão. Ela informa, sem mais, sobre um acontecimento oficial no coração de uma cerimônia de celebração nacional. Dá a ver a forma como um anfitrião ilustre presta homenagem ao país amigo que o acolhe. Bush adota aqui o modo epidíctico que o gênero da comemoração e da cerimônia exige: ele faz publicamente o elogio da bravura do Estado hebraico que a sua armada – Tsahal – impedirá de “cair”, a exemplo de Massada.

O presidente americano junta a isso uma garantia de aliança entre o Estado de Israel e os Estados Unidos, passando assim da palavra de aparato à promessa política, e do epidíctico ao deliberativo voltado para o futuro. Com efeito, ele declara: “Hoje, mais cedo, visitei Massada, um monumento que inspira coragem e sacrifício. Nesse local histórico, os soldados israelitas fizeram um juramento: Massada nunca mais cairá. Cidadãos de Israel: Massada não voltará a cair e a América estará ao vosso lado”. Ter-se-á notado, no enunciado relativo a Massada, a ambiguidade do conector “e”. Será que liga duas proposições independentes – por um lado, o juramento que garante a defesa de Israel pelos seus e, por outro, o empenho dos Estados Unidos em defender Israel? Ou será que esboça um elemento de causalidade – Massada – o Estado de Israel – não cairá porque a América está do seu lado? A ambiguidade autoriza a valorização simultânea de dois elementos heterogêneos, senão opostos, que coexistem no discurso dominante: a bravura de uma corajosa armada capaz de assegurar por si mesma a defesa do país e, ao mesmo tempo, a importância da ajuda indefectível que lhe é dada por um poderoso aliado. De qualquer modo, o episódio mítico, no uso que Bush faz dele, é retrabalhado: substitui, com efeito, o isolamento total dos judeus sitiados, rodeados de forças hostis e impossibilitados de serem

socorridos do exterior, seja de que forma for, por uma aliança sólida com uma superpotência. Como formula eloquentemente o orador: “A população de Israel pode limitar-se a sete milhões, mas quando combatem contra o terrorismo e o mal, vocês têm a força de 307 milhões, porque os Estados Unidos estão com vocês”.

Globalmente, a discrição dos comentários e o emprego massivo do discurso relatado fazem dos artigos de informação um resumo tão objetivo quanto possível de uma cerimônia oficial marcante. O tom comedido e neutro é o do respeito que convém ao relato da visita do Presidente de uma grande potência amiga. A referência ao mito de Massada é reiterado tal e qual, sem crítica nem interpretações alternativas, como se o locutor se contentasse em fazer entender a voz do enunciador – no caso, o Presidente americano – que fez, ele mesmo, eco da palavra ritual dos soldados. A polifonia em que o jornalista cita o ilustre anfitrião que retoma a fórmula do juramento militar, a qual é citação de um poema de que o discurso sionista se apropriou há muito tempo e que ainda faz o seu caminho, produz uma convergência e uma unidade perfeitas. Parece ter-se voltado à grande época em que o mito sionista de Massada tinha plena autoridade. Os membros do Knesset acolheram as palavras do Presidente americano com uma salva de palmas e os jornalistas, no seu relato, sublinham o entusiasmo geral com o qual foi recebido o discurso no Knesset. O *Haaretz* fala da simpatia geral suscitada pelo discurso do Presidente que (contrariamente ao do Primeiro Ministro de Israel) gerou a unanimidade no parlamento.

Em suma, a imprensa *on-line*, citando o discurso de circunstância de Bush alinhado a uma longa e rica tradição israelita, contribui para construir um espaço público utópico, fundado sobre o acordo e a comunhão de espíritos. Essa adesão não é a de uma razão pura que se rende aos argumentos do orador, mas antes a que resulta de uma identificação em que *pathos* e *logos* estão associados. Ora o epidíctico, como bem insistem Perelman & Olbrechts-Tyteca (1970), em nada é estranho à argumentação. Ele é o lugar discursivo no qual se encontram reforçados os valores partilhados, valores que sempre é preciso manter vivos, reiterando-os. São eles, com efeito, que fornecem os pontos de acordo a partir dos quais o auditório poderá ser mobilizado para ações futuras, seja a resistência heroica no combate ou a vontade de defender a todo o custo a existência do Estado Judeu sempre ameaçado, quer pelo

terrorismo, quer pelo Irã, que clama a sua destruição e do qual se falará nos discursos no Knesset.

3. O círculo da comunhão e os seus excluídos

A comunhão, como tentativa de união realizada num grande momento de emoção e de orgulho nacional, parece ainda mais necessária quando tal união permanece frágil e ameaçada de todos os lados pela discórdia política, que se manifesta claramente a propósito das declarações do Primeiro Ministro Olmert sobre o seu projeto de paz que reconhece dois Estados para dois povos, desígnio que desencadeia a saída irritada de dois deputados do partido da União Nacional⁹ de direita. O *Haaretz*, que contrasta a simpatia ocasionada pelo discurso de Bush com as dissensões suscitadas pelo discurso de Olmert, menciona que, nos comentários ulteriores, um dos deputados da ultradireita, Zvi Hendel, tinha recomendado a Olmert ter lições de sionismo com Bush, e que um outro, Uri Ariel, tinha sugerido substituir Olmert por Bush! Os opositores são, todavia, apresentados como uma ínfima minoria de dissidentes que, além disso, estavam em comunhão com os valores de Massada evocados por Bush.

Tratamento diferente teve a exclusão dos parlamentares árabes do círculo da comunhão. O diário de esquerda *Haaretz* menciona, discretamente, no seguimento de um comentário, algo irônico, o caráter “sionista” da unanimidade no Knesset: segundo o jornalista Shahar Ilon, o sionismo do discurso de Bush consegue até mesmo ultrapassar o da Chanceler alemã Merkel; isso para não falar dos parlamentares israelenses, dos quais Reuven Rivlin, o ex-presidente do Knesset, que lamentam não terem feito considerações semelhantes. A comunhão faz-se bem em torno do reconhecimento, reiterado no sexagésimo aniversário, do Estado judaico (a fórmula “uma pátria para o povo judeu” aparece claramente no discurso de Bush). A exceção que os deputados árabes constituem no grande momento de unidade nacional é retomada de formas muito diversas pela imprensa – desvelando, na divergência de informação, uma fissura velada, a da impossível unidade sobre a questão da minoria palestina do Estado de Israel. O *Haaretz* não menciona o tema no seu artigo de informação, preferindo permanecer no impasse sobre a questão; o *site* do Tsahal faz o mesmo. O *News1* neutraliza

⁹ Trata-se de deputados que pertencem a uma direita ultranacionalista que milita por um Grande Israel.

sensivelmente o caso, notando que, imediatamente depois do discurso do Bush, três deputados árabes que queriam provocadoramente agitar cartazes que exibiam fotos de crianças mortas no Iraque, foram convidados a abandonar a sala. O Ynet, pelo contrário, destaca os exclusivos: em comentário de abertura com caracteres em negrito, nota: “Feliz festa da independência”, disse [Bush] no início do seu discurso em hebraico – e “os árabes saíram da sala”¹⁰. A conjunção “e”, que liga os dois enunciados, tem um nítido valor de argumento pela consequência: a saída dos deputados árabes significa uma recusa de se associar à alegria comum dos cidadãos do Estado judeu fundado no projeto sionista do retorno à terra dos hebreus ancestrais. No corpo do artigo, o Ynet é o único que assinala que os deputados árabes, saindo a empunhar fotos de vítimas de guerra, comemoravam, no mesmo dia, a “Nakba” (data da criação do Estado de Israel de acordo com o calendário gregoriano e dia da “catástrofe” responsável pelo êxodo dos palestinos). O Ynet e o Ngr sublinham uma recusa explícita de participação, dando a palavra aos parlamentares israelenses de origem árabe. O Ngr assinala que três deputados dos partidos Balad e Raam decidiram abandonar ostensivamente a sala para protestar contra a política dos Estados Unidos no Médio Oriente, e que deputados do Hadash anunciaram publicamente que não viriam, uma vez que “os últimos anos ensinaram-nos que a aliança estratégica e militar entre os Estados Unidos e Israel era perigosa e problemática para o futuro dos povos da região, tanto palestinos quanto israelenses”. O Ynet reporta igualmente as palavras do deputado Ahmed Tibi, explicando que ele abandonou o Knesset com os seus camaradas porque Bush era perigoso e indigno do título de novo profeta que os israelenses lhe conferiam. Mas faz seguir a este propósito o comentário de Silvan Shalom, segundo o qual se trata “de uma medida pueril e estúpida”, acrescentando – “arranjamo-nos muito bem após os parlamentares árabes terem saído”.

4. A polêmica na internet e nos fóruns de discussão

Se os artigos de informação minimizam a oposição marcada no Knesset contra o discurso epidíctico agregador, uma vista de olhos sobre os outros discursos *on-line* manifestam o caráter altamente polêmico das interações em

10 Em hebraico, é evidente que o termo “árabes” remete aqui para os deputados de origem palestina (chamados, no início, “árabes israelenses”), que têm assento no parlamento em partidos exclusivamente árabes, ou compostos de judeus e de árabes.

torno de Massada. Um panorama interessante é oferecido pelos comentários que circundam o artigo de informação, ainda que particularmente entusiasta, do Ynet. Com efeito, na mesma página, há um link para outro artigo intitulado “Festi-Bush et Canyon-Roquette” (*canyon* designa, em hebraico, um centro comercial). O autor, Roney Sofer, contrasta aí as festividades solenes do Knesset e o espetáculo dilacerante do centro comercial de Ascalão, sobre o qual caiu um foguete, acrescentando que os aplausos que entremeavam o discurso de Bush tinham abafado os gritos de indignação de centenas de habitantes da cidade, no interior e no exterior do centro comercial bombardeado. São essas vozes, submergidas pelo discurso oficial, que ele tenta fazer ouvir no espaço público. O artigo denuncia vigorosamente a comunhão de uma celebração comovente e acusa os seus anfitriões, os dirigentes políticos, que glorificam a defesa heroica do povo por si mesmo ao mesmo tempo em que deixam bombardear o sul do país. Ele estabelece ligação entre a história de Massada e o seu final trágico, tal como foi narrado a Bush, e a situação geográfica de um lugar instável, situado na fratura sírio-africana, suscetível de perigosos tremores de terra. Passando da história e da geografia à situação política atual, Massada torna-se, então, um símbolo de um espaço perigoso que ameaça destruir os seus habitantes e do qual ninguém sabe impedir o perigo: nem os dirigentes israelenses, nem o Presidente americano contra o qual uma verdadeira acusação é pronunciada por causa dos seus falhanços sucessivos, da guerra do Iraque à possibilidade dada ao Hamas de participar nas eleições e, por consequência, de governar a faixa de Gaza de onde partem os ataques contra o sul do país. É, pois, um protesto e um ato de acusação que exprime a indignação de toda uma população que se fazem ouvir, estilhaçando a ilusória harmonia de um consenso ronronante.

A polêmica em torno da informação sobre a cerimônia e os propósitos de exaltação de Massada exprime-se também no fórum de discussão do Ynet que acompanha o artigo *on-line* e no qual os participantes beneficiam de uma liberdade de expressão que os relatórios oficiais de imprensa sobre o acontecimento não se podem autorizar. Esse fórum é composto, na sua maior parte, por enunciados lacônicos que, mais do que responderem uns aos outros, se sucedem: mais do que um debate argumentado, eles apresentam-se como uma reação imediata à narrativa do acontecimento. Assim, numerosas marcas de apreciação e de gratidão para com o Presidente Bush contrastam com posts críticos nos quais Massada não é mais considerada na sua acepção mítica, mas

como uma referência livresca inoportuna desligada da realidade presente. Noutros termos, é o mito enquanto tal, com o discurso ideológico que lhe está associado, que é jogado às urtigas em nome de preocupações escaldantes que os cidadãos exigem que sejam encaradas urgentemente. Vozes irritadas exclamam: “Massada talvez se mantenha, mas os foguetes vão continuar a cair aqui”; “Massada nunca mais cairá, mas o Estado está prestes a fazê-lo”; “Massada? Ocupemo-nos de Shderot e Ascalão, que é mais importante”; “Ide, então, a Ascalão e verão pessoas que se suicidam todos os dias”. Acrescentam-se pedidos mais ou menos fortes de represálias destinadas a impedir o bombardeamento das localidades do sul – as quais retomam tacitamente o uso desde logo conhecido do mito de Massada como justificação da utilização da força armada, única capaz de impedir uma nova catástrofe: “Que Bush dê a Olmert instruções para arrasar Gaza, em vez de falar a respeito de Massada. Deixem Massada, é preciso arrasar Gaza”. Assim, enquanto os discursos da cerimônia oficial mobilizam o símbolo da resistência heroica contra o inimigo, vários jornalistas e cidadãos rejeitam a analogia subjacente ao *exemplum*. Reduzem Massada a um lugar sem interesse imediato, ou a um tema de autoglorificação que mascara os verdadeiros problemas. Dirigindo-se contra os discursos políticos difundidos pelos artigos de informação, eles atacam uma palavra epidíctica que supostamente gera consenso em torno de valores partilhados e denuncia a incúria da classe política, incapaz de resolver o problema das ameaças na segurança.

Numa outra linha, diversos posts opõem-se à reinterpretação que Bush dá de Massada, assegurando que os israelenses não estão sozinhos e que os Estados Unidos estão a seu lado. Com efeito, é a esta reinterpretação do mito, que perturba a imagem heroica da minoria contra a massa armada inimiga, que certos internautas israelitas se opõem. “Com todo o respeito que devemos à América – em caso algum devemos repousar excessivamente sobre eles!!!”, “Se eu não me ajudo, quem me ajudará? Não o esqueçamos!!!”. Esse retorno ao complexo de Massada, ou seja, à desconfiança de um povo cercado por inimigos e devotado a voltar-se a si mesmo sem contar com ninguém, opõe-se fortemente a certos discursos de gratidão relativamente aos Estados Unidos. Ele substitui a comunhão entre os dois povos por um apelo à desconfiança generalizada e à autossuficiência. A essas vozes discordantes junta-se a dos judeus religiosos que consideram que o direito de Israel à existência provém da vontade de Deus e não do apoio da América: “A TODOS, nós vivemos aqui porque é a vontade de Deus e ponto final”.

Por fim, o fórum de discussão dá a ouvir as vozes polêmicas contra a esquerda israelita, acusada de pôr o país em perigo: “Os esquerdistas encontrarão sempre um modo de provocar a queda de Massada, mesmo pela nona vez”. “Bush, aqui vai uma dica, Massada está prestes a cair, não por causa do Irã ou da Síria, mas por causa de inimigos que têm um cartão de identidade azul” (israelenses). Os defensores das negociações de paz com os palestinos são considerados como uma quinta colônia e difamados.

A analogia com Massada é assim desviada da sua função original e virada contra os apoiantes de uma política considerada como suicida. Os posts vindos da direita são reforçados, não apenas por numerosas alusões sarcásticas aos parlamentares árabes que abandonaram a sala, e relativamente aos quais um internauta do Ynet pergunta mesmo o que é que eles estão a fazer no Knesset, como também por ataques intempestivos (e pouco argumentados) contra o deputado parlamentar Zahava Gal-On, pacifista e defensor dos direitos humanos, que encabeça o pequeno partido de esquerda Maretz.

5. Confrontações ideológicas na imprensa de direita e de esquerda

Ataques polêmicos vindos da direita e da extrema direita fazem-se igualmente ouvir nas mídias que lhes servem de porta-voz, como o 7º. canal, de obediência nacionalista e religiosa. Trata-se de um artigo anterior à visita de Bush e, portanto, ao discurso do dia 15 de maio, mas que se ocupa da própria escolha de Massada como local simbólico. Assim, Ezra Halévi deplora, num artigo do dia 10 de abril de 2008, ter-se decidido levar o Presidente dos Estados Unidos a Massada e não ao Muro das Lamentações, em Jerusalém. Ele cita um analista das mídias, Dr. Lerner, que lamenta que, em vez de visitar lugares associados ao renascimento de Israel ou à vida antiga, se tenha tido a ideia de uma “photo op”¹¹ num sítio que entrou na história por causa de um grupo de judeus que se suicidaram para escapar aos romanos. Massada é assim concebida como um lugar de morte e de destruição perante os sítios que simbolizam a vida (e a vitalidade) do povo judeu. Trata-se de lugares espirituais que marcam uma continuidade do presente com um passado que supostamente está no coração da legitimidade do Estado de Israel. O renascimento que aqui está em causa não diz respeito à criação do Estado em

11 Uma “photo-op” (photo opportunity) refere à oportunidade de tirar uma fotografia memorável de uma personalidade política, de uma estrela ou de um acontecimento notável. O termo adquiriu uma conotação negativa: remete para as atividades dos políticos destinadas a proporcionar a ocasião de uma fotografia que lhes possa fazer uma boa publicidade.

si, mas ao retorno dos judeus aos lugares santos que o Muro das Lamentações e o Túmulo dos Patriarcas em Hebrom representam, ambos situados em territórios conquistados em 1967. A partir de então, os lugares simbólicos da religião judia e os territórios situados na Judeia e na Samaria, ou seja, nos territórios ocupados, são promovidos em detrimento do mito sionista de Massada (que, aliás, nunca conquistou o coração dos judeus ortodoxos). O novo sionismo messiânico, desejoso de recuperar as terras antigas prometidas por Deus ao seu povo sobrepõe-se ao mito de que se alimentou o Estado hebraico durante décadas e substitui-o pela sua própria mitologia.

Neste conflito de opiniões, em que um novo sionismo messiânico e militante hostil da restituição dos territórios se opõe a um sionismo oficial contestado, o que é posto em relevo é o motivo negativo do suicídio. É também ele que é ironicamente mobilizado contra o Primeiro Ministro Ehud Olmert, que defende a tese da negociação com os palestinos que possa conduzir a dois Estados para dois povos, tese que ele mencionará no seu discurso no Knesset: é, com efeito, uma posição que deve acarretar concessões territoriais e a restituição, para mãos palestinas, de certos lugares considerados como sagrados pela religião judia. “O Primeiro Ministro Ehud Olmert, cujos críticos nos avisam de partilhar uma visão suicida com os palestinos, vai visitar Massada com Bush”. A pressuposição introduzida pela relativa é, obviamente, que Olmert, pela sua política de paz, segue “um caminho que conduz a Massada”, isto é, à perda do Estado judeu. A mesma atitude exprime-se mais diretamente num *post* de *Nana10*: um internauta denuncia aí a promessa de proteção americana, exclamando: “Massada já caiu – tornando-se um país binacional, em grande parte – graças a Bush e a Sharon”. Aqui, a criação de um Estado palestino pedido por Bush e aceite por Sharon, antigo líder do Kadima, promessa que Olmert mantém, é aquilo que é considerado como uma ameaça que pode levar o Estado de Israel a uma nova Massada. O *exemplum* histórico serve, uma vez mais, como arma polêmica para atacar uma ideologia e uma escolha política consideradas perigosas.

O artigo da direita dura sobre o 7º. canal faz eco de um artigo de 26 de março de 2008 que se lhe opõe simetricamente sem que, no entanto, haja qualquer diálogo: os dois textos não interagem e parecem ignorar-se mutuamente. Trata-se de um texto de um jornalista que faz parte da redação do *Haaretz*, Akiba Eldar, e que é conhecido pelas suas posições pacifistas. Com o título *Não vão a Massada*, ele propõe, como o discurso da direita nacionalista,

lugares alternativos de peregrinação. Se Eldar se opõe à escolha de Massada, isso acontece, todavia, no decorrer de uma comparação completamente diferente. A vida que ele opõe ao símbolo de morte de Massada é exemplificada, não por um renascimento religioso e nacional, mas pelo trabalho científico realizado no Estado hebraico – ele sugere visitar o Instituto Weizman, onde decorre a pesquisa sobre medicamentos para salvar vidas humanas. Mas o ponto essencial é o de que não é preciso visitar um velho sítio arqueológico de dois mil anos para encontrar em Israel traços de radicalismo judeu estéril e destrutivo. Uma analogia é aqui claramente estabelecida com os Sicários, que eram os verdadeiros defensores de Massada, a sua brutalidade e o seu fanatismo tal como sobressaem da versão de Flávio Josefo e que o mito sionista, preferindo falar dos valorosos sitiados e dos Zelotes, tinha cuidadosamente eliminado. Assim, o reservatório de analogias que a narrativa desmitificada oferece permite comentar a visita de Bush, sugerindo propor-lhe uma volta de “Massada-Agora” (segundo o modelo duplo do turístico *Massada by Day* e do movimento “A Paz Agora”): “Se Olmert insiste em oferecer uma visão ao vivo da lenda do radicalismo judeu, brutal e inútil, não é necessário arrastar os Bush para os rios do Mar da Morte”. Os oficiais da armada, explica Eldar, podem mostrar ao Presidente americano aquilo que hoje se passa nos territórios ocupados – nomeadamente os colonos agora presos nos lugares perigosos, que não podem deixar por falta de meios, as partes inacabadas e assassinas do Muro da Separação, resultantes dos planos de anexação dos extremistas, as vias da segregação nos territórios onde apenas são admitidos veículos dos judeus, o que os torna de fato numa presa fácil para os ataques terroristas. A analogia com Massada toma aqui um novo rumo: ele proporciona uma metáfora sobre a forma como os judeus israelenses, conduzidos pelos nacionalistas fanáticos, se fecharam em locais sitiados e perigosos. Ela termina advertindo para ter cuidado com a influência dos extremistas, a qual não pode senão conduzir à catástrofe – uma vez mais a referência a Massada remete para uma política errada e suicida. “Um Primeiro Ministro que acredita que se não sairmos da maior parte dos territórios, que são de fato de Israel, não se deveria deixar levar por uma minoria de fundamentalistas cuja fé num poder supremo ignora a realidade dos fatos. Olmert nada tem a procurar em Massada”. Vemos como a esquerda militante, seguindo uma tradição já antiga, se serve de um mesmo acontecimento e da mesma referência para lhes inverter os efeitos.

Conclusão

A partir dessa incursão num debate que se desenvolve em torno da preparação e do desenrolar de um acontecimento circunscrito, a visita oficial do Presidente americano a Massada e a menção do mito de Massada no Knesset por ocasião das celebrações do 60º aniversário do Estado, podemos fazer algumas observações gerais. Antes de mais, vimos que o debate se constrói na internet a partir de discursos difundidos em diversos suportes – artigos de informação da imprensa diária e de sites de grandes cadeias, artigos de opinião, fóruns de discussão. As discussões que aí ocorrem são, todavia, transversais – as posições em confronto e os pontos discutidos encontram-se em todas as plataformas e cruzam-se num espaço midiático virtual global.

Em segundo lugar, vimos que os debates suscitados por um acontecimento e tomados no fluxo das *news* se dividem numa série de discussões autônomas que mostram a diversidade e a complexidade das questões em jogo. Não se trata de uma batalha regrada em torno de posições antagônicas sobre uma questão determinada; não são apenas as respostas apresentadas que diferem, mas também a definição daquilo em que consiste o problema. Trata-se realmente de definições diferentes da questão que convém debater. Sem dúvida que as dicotomias persistentes da polêmica se cruzam, mas elas são tomadas em constelações moventes que mostram a complexidade das leituras da situação. Assim, o pessoal político e as mídias que os revezam nessa comemoração celebram a força de um país que mergulha nas suas raízes heroicas ancestrais. A questão de que se ocupam e em torno da qual tentam gerar o *consensus* é a da força e determinação de uma nação e das garantias que convêm dar à defesa (o apoio dos Estados Unidos, a guerra contra o terrorismo, a oposição a um poder nuclear iraniano). A questão tratada pelos cidadãos comuns é, pelo contrário, a da incúria dos políticos em matéria de defesa efetiva das cidades bombardeadas (e, por conseguinte, o que conviria fazer quanto a isso). A voz cidadã faz-se ouvir contra a classe política em torno de problemas que perturbam a vida quotidiana dos habitantes do sul. A questão levantada pelos discursos resolutamente ideológicos dos partidários da direita nacional e religiosa e dos esquerdistas é a da política a ter em relação aos territórios conquistados em 1967 (questão que volta a ser posta “sobre o tapete”, a propósito de uma visita que supostamente a permitiria contornar) – cada um definindo de forma diferente a via política suicida de que Massada permanece o paradigma.

Encontramos assim um conjunto de debates centrados sobre as questões que cada um dos grupos considera como devendo estar no coração das preocupações nacionais e que coexistem na discussão geral que as mídias de Israel orquestram em torno da visita de Bush.

Em terceiro lugar, o debate constrói-se, paradoxalmente a partir de discursos que não dialogam necessariamente entre si. Com efeito, diferentes diários e *sites* publicam comentários que não respondem uns aos outros e que não interagem de nenhuma forma: quase não encontramos réplica direta e menos ainda contra-argumentação convencional. Mesmo os *posts* dos internautas sobre os artigos de informação não envolvem uma verdadeira interação – as mensagens justapõem-se e respondem umas às outras de uma forma pouco elaborada. Eles aparentam-se a esses fóruns de discussão eletrônica que alguns pretendem que sejam compostos por uma série de monólogos alinhados no seguimento uns dos outros. Estamos longe da esfera em que a opinião se forma através do debate racional, no sentido habermasiano dos termos: a dispersão e a fragmentação das intervenções não permitem uma deliberação em conformidade, menos ainda um debate que leve a um acordo raciocinado. Poderemos ainda, nessas condições, falar de espaço público?

Parece, contudo, que os diferentes discursos que se focalizam em Israel em torno da visita de Bush e da referência a Massada configuram um espaço virtual no qual se elabora e se confirma um conjunto determinado de posições sobre questões sociais importantes. Estas são dadas a ler a um vasto auditório hebraico – o do leitor regular do diário ou do *site* em questão, mas também a todo o internauta interessado pelo assunto e que a ele pode ter acesso gratuito. Elas manifestam-se no conjunto do espaço público na qual se disputam as interpretações da História, das ideologias e das orientações políticas. Se elas não se rodeiam necessariamente de um aparelho formal de justificação, nem por isso deixam de produzir razões e de designar implicitamente outras ao se enxertarem em argumentários que circulam no lugar público. Aliás, elas apenas são compreensíveis porque retomam um interdiscurso familiar, se bem que cada um pode facilmente reconstruir o sistema de valores do qual se alimenta o enunciado novo. A referência a Massada, mito partilhado e do qual os israelitas conhecem simultaneamente a mensagem oficial, as desmistificações e os usos políticos, é aqui o signo mais tangível da pertença a um mesmo fundo cultural, com as suas divisões e contradições. Tomados desse fundo cultural, relançando discussões

preexistentes que exprimem conflitos profundos e persistentes, focalizados numa situação atual vivida por todos, acessível a todos aqueles que as desejem ler ou nelas participar, os discursos midiáticos *on-line* constroem um espaço de debate, mesmo que não se envolvam no diálogo racional e regulado que supostamente alimenta a deliberação.

Para finalizar, importa sublinhar que não tentamos aqui comparar a realidade dos fatos a um modelo ideal que deploramos não poder ser alcançado – sabemos que o tema da degradação do espaço público lançado por Habermas é constantemente comentado. Pelo contrário, quisemos ver como se constitui um espaço público através do discurso da imprensa e das redes *on-line*, porque se trata, de fato, como colocou Dacheux, citado no início do artigo, de um espaço “onde os cidadãos têm acesso à informação, podem debater e forjar uma opinião e tornarem-se, eles próprios, atores”, de um “espaço simbólico que liga entre si indivíduos que pertencem a comunidades diferentes”, e de uma “cena” onde “os problemas públicos se tornam visíveis e sensíveis” (DACHEUX, 2008, p. 20). Esse espaço público constrói-se, contudo, segundo modalidades que divergem das da deliberação racionada. Compõe-se, com efeito, de diversos tipos de trocas que o reconfigura (mais do que desfigurar e degradar). Assim, uma comunhão efetiva da ordem do epidíctico (que coloca um *consensus* aquém do debate racionado) é demolida por uma gestão agônica dos conflitos da ordem do polémico (que faz coexistir posições contraditórias e, através delas, comunidades de opinião antagonistas). Essa predominância do polémico não designa apenas “infrações à norma do debate critico-racional” cujas consequências nefastas seria preciso ponderar (GOODNIGHT, 1992). Como bem nota Chaput, num artigo sobre a argumentação nos fóruns de discussão, “aquilo que pode ter sido concebido, à luz do ideal deliberativo, como um mal a superar, ou, dito de outra forma, como um fracasso dos participantes incarnarem uma situação ideal de palavra, traduz-se doravante pela ‘confrontação agonística’ enquanto condição fundamental da democracia política” (CHAPUT, 2006, p. 43). Nas democracias pluralistas, nas quais o conflito é o recurso essencial – como bem o sublinharam diversos politólogos, entre os quais Chantal Mouffe (2000), é um bom exemplo – é preciso aceitar que a polémica, mais ainda do que a discussão racional fundada no *consensus*, desempenha um papel maior no debate democrático¹². E isso até mesmo nas modalidades fragmentadas e descentradas que podem ser as suas no

12 Sobre as funções da polémica, consulte-se Amossy & Burger (2011) e Amossy (2010).

ciberespaço. Essas constatações convidam a repensar, em torno do conflito e da sua gestão polêmica, a noção de espaço público político.

Referências

AMOSSY, R.; BURGER, M. (Eds). Polémiques médiatiques et journalistiques. Le discours polémique en question(s). **Sémen**, 31, 2011.

AMOSSY, R. The functions of polemical discourse in the public sphere. In. SMITH, M.; WARNICK, B. (éds.), **The Responsibilities of Rhetoric**. Long Grove: Waveland Press Inc, 2010. p. 52-61.

_____. **Eloge de la polémique**. Paris: PUF, 2014.

BAR-TAL, D. **The Massada Syndrome: A Case of Central Belief**. Tel-Aviv: The International Center for Peace in the Middle East, 1983.

BEN YEHUDA, N. **The Massada myth. Collective memory and mythmaking in Israel**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.

CHAPUT, M. La dynamique argumentative des discussions politiques sur internet. **COMMposite**, 1, p. 52-77, 2006.

DACHEUX, E. L'espace public: un concept clé de la démocratie. In. DACHEUX, E. (éd.), **L'espace public**. Paris: CNRS, Les essentiels d'Hermès, 2008, p.7-30.

GOODNIGHT, T. G. Habermas, the public sphere, and Controversy. **International Journal of Public Opinion Research** 4/3, p. 243-255, 1992.

FLAVIUS J. La guerre des juifs. In. **OEuvres complètes de Flavius Josèphe**. Trad. sob a direção de Théodore Reinach, 2004. Disponível em <<http://www.regard.eu.org/Livres.6/Guerre.des.Juifs/index.html>>. Acesso em fev./2013.

FLICHY, P. Internet et le débat démocratique. **Réseaux** 4/150, p.159-185, 2008.

GIMMLER, A. Deliberative democracy, the public sphere and the Internet. **Philosophy & Social Criticism** 27/4, p. 21-29, 2001.

GREFFET, F. & WOJCIK, S. Parler politique en ligne. Une revue des travaux français et anglosaxons. **Réseaux** 4/150, 19-50, 2008.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. La polémique et ses définitions. In: GELAS, N. (éd.), **La parole polémique**. Lyon: PUL, p. 3-40, 1980.

HABERMAS, J. **L'espace public. Archéologie de la publicité comme dimension constitutive de la société bourgeoise.** Trad. de M.B. de Launay. Paris: Payot, 1992 [1962].

HABERMAS, J. The public sphere: an encyclopedia article. **New German Critique** 3, 49-55, 1974 [1964].

MOUFFE, C. **The Democratic Paradox.** Londres/New York: Verso, 2000.

PAPACHARISSI, Z. The virtual sphere. The internet as a public sphere. **New media and society** 4/1, 9-27, 2002.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS TYTECA, L. **Traité de l'argumentation.** La nouvelle rhétorique. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1970 [1958]. Tradução em português: PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação. A Nova Retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

POSTER, M. CyberDemocracy: Internet and the public sphere, 1995. Disponível em: <<http://www.hnet.uci.edu/mposter/writings/democ.html>>. Acesso em fev. 2013.

RHEINGOLD, H. **The virtual community. Homesteading on the electronic frontier.** New York: Harper Perennial, 1994.

_____. **Habermas blows off question about the Internet and the public sphere.** 2007. Disponível em: <<http://www.smartmobs.com/2007/11/05/habermas-blows-off-question-about-the-internet-and-the-public-sphere/>>. Acesso em fev. 2013.

WOLTON, D. Les contradictions de l'espace public médiatisé. In: DACHEUX, E. (éd.), **L'espace public.** Paris: CNRS, Les essentiels d'Hermès, p.31-60, 2008.

ZERUBAVEL, Y. The death of memory and the memory of death. **Representations** 45, 72-100, 1994.

_____. **Recovered roots: collective memory and the making of Israeli national tradition.** Chicago: University of Chicago Press, 1995.

Como citar :

AMOSSY, Ruth. Repensar a construção discursiva do espaço público. Bush em Massada, ou como se discute o evento no ciberespaço. Trad. Rui Alexandre Grácio. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação,** Ilhéus, n. esp. ADARR, p. 1-22, mai.2016.